



Separata

**BOLETIM
SALESIANO**
543
MARÇO/
ABRIL
2014

Dom Bosco santo

“Sinto como que um desejo e uma necessidade de me fazer santo. Nunca tinha imaginado que se pudesse ser santo com tanta facilidade; mas agora, ao ver que também se pode ser santo estando alegre, quero absolutamente e tenho absoluta necessidade de ser santo”.

(S. JOÃO BOSCO, Vida do jovem Domingos Sávio, cap. X)

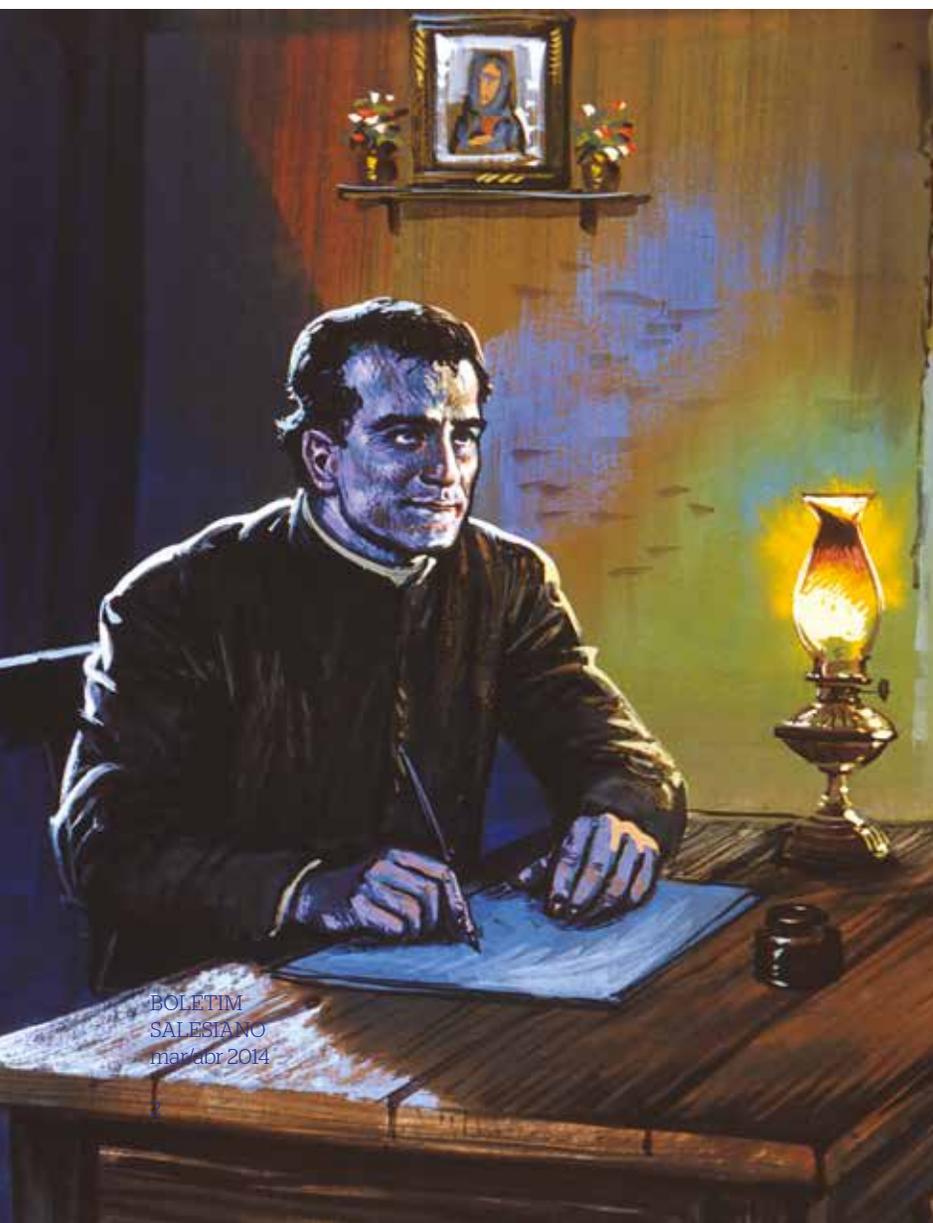
Dom Bosco, um santo muito humano

Apesar de Dom Bosco ser um santo atraente, o discurso sobre a sua santidade não é fácil. Dela duvidavam já alguns no seu tempo. Por outro lado, na nossa cultura, muitos rejeitam a palavra santidade. Pensam que o santo é uma pessoa esquisita, desencarnada, fora do normal.

Com frequência, a própria palavra "santidade" é mal compreendida. Por vezes identifica-se com um espiritualismo de evasão, com um ascetismo rígido, com uma visão antiquada dos valores atuais. Para esta mentalidade anti-santidade contribuíram certas hagiografias do passado. Numa delas, por exemplo, lia-se que um santo, sendo bebé, se unia à paixão de Jesus, deixando de mamar do peito de sua mãe durante a quaresma.

Um estudo grafológico

Tais biografias, escritas com intenção de enaltecer a pessoa, levaram a que se pense que os santos não são pessoas normais. Por isso, agrada uma obra, publicada há uns anos, ao pôr de manifesto os defeitos que os santos também tiveram. O livro resulta de uma iniciativa de monsenhor Clementi, historiador ao serviço do Vaticano, que encarregou um franciscano de estudar, como grafólogo, os manuscritos de 58 santos. O nome dos visados não foi revelado ao autor a fim de que as suas conclusões fossem totalmente imparciais. No seu estudo descobre, por



exemplo, que S. José de Cupertino era um tanto envergonhado; S. Francisco de Assis mostrava na sua escrita tendências para a vaidade e até para a rebeldia psicológica contra a autoridade; S. Filipe Neri tinha propensão para enriquecer, inclusive enganando os outros; S. João da Cruz, por sua natureza, era mais um destruidor do que um espírito construtivo; S. Vicente de Paulo tinha inclinação natural para a mentira e para o engano... E assim até 58 santos. Entre eles S. João Bosco.

Dele afirma o grafólogo que, dadas as características do seu temperamento, "não se pode ter grande confiança nas suas disposições para alcançar as alturas a que aspiram as almas escolhidas". E acrescenta: "a sua atuação está certamente baseada na astúcia, que pode ser para o bem ou para o mal, segundo a moralidade do sujeito. E não é nada fácil, para alguém com estas características, ser íntegro, dado que para o conseguir tem de submeter-se a uma série de renúncias às suas tendências inatas".

No processo de beatificação e canonização de Dom Bosco, alguns puseram em questão a sua santidade. Monsenhor Riccardi afirmou que "era soberbo. Queria fundar uma congregação para se subtrair à autoridade do arcebispo; se é santo, que o demonstre sendo obediente ao seu superior". Monsenhor Alexandre Verde, promotor da fé, redigiu as observações críticas que começavam com uma citação do padre Cafasso: "No meu entender, Dom Bosco é um mistério. Se não tivesse a certeza de que trabalha para a glória de Deus, que é Deus quem o guia, que só Deus é a meta de todo o seu esforço, eu diria que é um indivíduo perigoso, mais por aquilo que oculta do que por aquilo que mostra". Partindo destas palavras, o promotor da fé perguntava-se se a atuação de Dom Bosco, desde a

infância até à idade madura, não tinha sido movida por uma veemente paixão de triunfo, por um subtil orgulho e soberba que o levavam a ser ilusionista, farsante e impostor. De alguns juízos sobre ele e das declarações de algumas testemunhas, deduzia-se que era um homem teimoso, desordeiro, prepotente e até materialista cuja vida carecia de mortificações pessoais, um espírito ambicioso e um habilíssimo manipulador da religiosidade coletiva". São discutíveis estas afirmações, mas é interessante reconhecer que os santos, como pessoas, tiveram defeitos. Isto torna-os humanos e próximos de nós. Com a diferença, porém, de que eles dominaram os seus defeitos e caminharam em direção a Deus. Aí está a sua grandeza. Lutaram por ser melhores.

Com Dom Bosco aconteceu o mesmo. Aqueles que criticaram a sua vida não foram capazes de apreciar um novo estilo de santidade. Provavelmente, hoje, teriam mudado os seus esquemas e os seus juízos de valor, e teriam entendido e julgado de outro modo a vida de Dom Bosco, que, como humano que era, também tinha imperfeições. O assombroso em Dom Bosco é o trabalho que fez para superar as suas limitações e chegar onde chegou.

Um novo estilo de santidade

Dom Bosco continua a ser atual porque soube associar o amor a Deus e o amor ao próximo; a oração e o trabalho; a ação e a contemplação. Não há nele qualquer dicotomia, mas uma perfeita harmonia entre o humano e o evangélico. Deus foi o eixo fundamental da sua vida. Santo intemporal, santo de todos os tempos.

A santidade, mais do que numa soma de mortificações corporais, consistia para Dom Bosco em estar alegre, em aceitar as circunstâncias difíceis da vida, em trabalhar sem descanso, em cumprir o dever, em ter uma visão positiva da vida. Foi um santo realista que pôs de lado o idealismo perfeccionista daqueles que optavam ou por fazer perfeitamente o bem ou por não fazê-lo. Para ele, o mais importante era fazer o bem o melhor possível, embora nem sempre fosse o mais perfeito. "Dom Bosco, escreve Lenti, foi um homem que fez consistir a sua vida cristã em percorrer caminhos não frequentados, saindo do esquema habitual. Isto tornava-o grande aos olhos de



Praça de São Pedro na canonização de São João Bosco em 1934. Em baixo, entrada do cortejo do Papa Pio XI



todos, mas não necessariamente santo aos olhos de alguns. Atualmente, as coisas mudaram e alguns não só veem nele um santo, mas também um modelo de santidade que se antecipou um século ao Concílio Vaticano II". Por isso hoje a figura de Dom Bosco é vista com respeito e até com admiração pelos não crentes, sendo digno de atenção o que Mao Tse Tung disse dele: "Honrarás João Bosco, que se ocupou dos humildes e educou os operários". É um santo muito humano, próximo das pessoas, empenhado em favor dos mais

necessitados. No seu trabalho pastoral deixou-se guiar pelo grande princípio do amor e não pelos rígidos convencionalismos eclesiais do seu tempo. Estava convencido de que fazia a vontade de Deus doando a sua vida na ajuda aos jovens abandonados, acolhendo os que não tinham lar, ensinando um ofício que lhes servisse para levar uma vida digna. Para ele, o sacerdote não podia continuar a ser unicamente o homem do sagrado, mas também uma pessoa empenhada nas coisas deste mundo. Por isso a sua santi-

dade continua a ser atraente. Atrai porque é profundamente humana, empenhada na sociedade, próxima das pessoas e unida ao Senhor. O seu critério é o amor de Deus que impele a amar as pessoas.

**JOSÉ ANTONIO SAN MARTÍN/
BOLETÍN SALESIANO
ESPAÑA**

**TRADUÇÃO:
BASÍLIO GONÇALVES**